

# **XXIV Encontro Nacional da EPFCL- Brasil**

## **A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos**

**10, 11, 12 e 13 de outubro de 2024**

**Grand Hotel Bittar  
Brasília/DF**

O XXIV Encontro Nacional da EPFCL-Brasil será realizado em Brasília nos dias 10, 11, 12 e 13 de outubro de 2024, com o tema: “A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos”. Nosso Encontro acontecerá no Grand Hotel Bittar, localizado na zona hoteleira da cidade, de fácil acesso e com muitas possibilidades de locomoção. O evento será presencial.

### **INFORMAÇÕES PARA INSCRIÇÃO**

As inscrições deverão ser feitas através do preenchimento do formulário digital: <https://forms.gle/pb5UsjOrjN5EdwFH9>. Caso você não possua conta no Gmail e não consiga finalizar sua inscrição, entre em contato diretamente com a Secretaria da EPFCL-Brasil através do e-mail [epfclsecretaria@gmail.com](mailto:epfclsecretaria@gmail.com).

O pagamento deverá ser feito por PIX ou depósito:  
Banco: Itaú Agência: 3239  
Conta Corrente: 24933-1 CNPJ: 03.526.375/0001-88  
Chave PIX: 03.526.375/0001-88 (CNPJ)

#### **Valores de inscrição e prazos:**

- até o dia **31/05/2024**: R\$ 400,00
- até o dia **31/07/2024**: R\$ 450,00
- até o dia **30/09/2024**: R\$ 500,00
- na data do Encontro: R\$ 580,00

#### **Valores para meia-entrada\*:**

- até o dia **31/05/2024**: R\$ 200,00
- até o dia **31/07/2024**: R\$ 225,00
- até o dia **30/09/2024**: R\$ 250,00
- na data do Encontro: R\$ 290,00

*\* De acordo com a lei 12.933/2013, há um limite de 40% das vagas para as inscrições de meia-entrada. No caso de estudantes, o inscrito deverá anexar o comprovante de vinculação estudantil ao fim do formulário.*

**Atenção:** Há uma **reserva de 10 (dez) vagas com isenção da taxa de inscrição** destinadas às pessoas autodeclaradas negras, indígenas, transgênero e/ou beneficiárias de programas socioassistenciais. Para obter a ficha de autodeclaração e mais informações sobre estas vagas, entre em contato com a secretaria através do e-mail [epfclsecretaria@gmail.com](mailto:epfclsecretaria@gmail.com). Uma vez que as vagas estejam preenchidas, o fim da reserva será notificado.

Para outras informações sobre o evento, entre em contato através do e-mail [epfclsecretaria@gmail.com](mailto:epfclsecretaria@gmail.com).

## INFORMAÇÕES SOBRE O ENVIO DE PROPOSTAS DE TRABALHO

Convidamos os Membros dos Fóruns que integram a Federação da EPFCL-Brasil a enviar proposta de trabalho para o e-mail: [cc.encontroepfclbrasil@gmail.com](mailto:cc.encontroepfclbrasil@gmail.com). Receberemos as propostas dos resumos seguidos de comprovante de inscrição no XXIV Encontro Nacional até dia 30 de junho de 2024. Somente serão avaliadas as propostas acompanhadas de comprovante de inscrição da(o)s autora(e)s. Todas as proposições serão analisadas e deverão ser compostas e enviadas, necessariamente, em 2(duas) páginas em arquivo Word, distribuídas da seguinte maneira:

- 1- Nome, e-mail e Fórum de pertencimento (folha1);
- 2- Título (folha 2);
- 3- Indicar o subtema no qual o trabalho se encaixa. Os subtemas abaixo, sugeridos pela Comissão científica, são orientadores para as propostas de trabalho, mas não esgotam as possibilidades dentro da temática do Encontro.

### Subtemas:

- A criança, o infantil e a fantasia
- O corpo e a criança como objetos dos discursos
- O universal e o singular
- Arte e discursos
- Sujeito e gozo no discurso capitalista
- O sexual e o digital
- Racismo, segregação e laços Sociais
- Patologização e medicalização
- Psicanálise, instituições e impasses nas políticas públicas

4- RESUMO. Incluir uma pergunta a ser desenvolvida ou objetivo a ser alcançado, coerentes com o tema do Encontro. Proposta com uma linha argumentativa do desenvolvimento, redigida entre 1500 e 2500 caracteres com espaço, além de indicações sobre a atualidade e a pertinência temática.

5. Enviar para: [cc.encontroepfclbrasil@gmail.com](mailto:cc.encontroepfclbrasil@gmail.com).

Os que tiverem sua proposta de intervenção aceita pela Comissão Científica receberão um e-mail até o dia 1 de agosto e, desse modo, deverão enviar o trabalho definitivo até dia 01 de setembro de 2024. O texto final deve conter, no máximo, 6000 caracteres com espaço, sem contar as referências bibliográficas, nome e pertencimento do proponente. Não serão aceitos os trabalhos que não estejam de acordo com as orientações desta Comissão.

### Comissão de Organização Nacional

Katarina Aragão  
Leonardo Pimentel  
Maria Laura Cury Silvestre

### Comissão de Organização Local

Flávia Tereza (coord.)  
Aline Lucca  
Aline Vidal  
Juliana Bombarda  
Marcella Laboissière

Mônica Nogueira  
Valdelice França

**Comissão Científica**

Rosane Melo (coord.)  
Alcione Hummel  
Andréa Milagres (CLEAG)  
Francina Sousa  
Ida Freitas  
Luis Achilles Furtado  
Marcella Laboissière  
Marcle Rejane  
Raul Pacheco  
Robson Mello

**Comissão de divulgação**

Jessica Caiado (coord.)  
Aldenora Vieira  
Ana Sampaio  
Claudia Leone  
Claudia Rios  
Deise Dias  
Isadora Carvalho  
Jessica Pedrosa  
John Luiz Baytack  
Livia Borges  
Nadir Galvão  
Olga Amazonas  
Patrícia Lima  
Paula Bersan  
Rosana Motta  
Samila Dutra  
Vanessa Aparecida  
Viviana Venosa

## **A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos**

Que alegria nós, psicanalistas, encontramos naquilo que é nosso trabalho?

Com essa inquietante pergunta, Lacan encerra as Jornadas sobre as psicoses da criança, realizadas por Maud Mannoni sobre o tema *Alocação sobre as psicoses da criança* (2003 [1967] p.359-368).

Nessa intervenção, ele situa de saída as consequências do progresso da ciência para a época, nomeada como planetária; “a primeira a sentir o novo questionamento de todas as estruturas sociais”, o que implicaria que, a partir de então, seria preciso lidar com a segregação, e isso leva Lacan a perguntar: “como responderemos, nós, os psicanalistas: a segregação trazida à ordem do dia por uma subversão sem precedentes?” Como estarmos engajados nesse campo e, ao mesmo tempo, fora dele?

Ao concluir sua intervenção, Lacan destaca a expressão “criança generalizada” como uma das consequências dos impasses da época, associando-a à “ignorância em que é mantido o corpo pelo sujeito da ciência”. Expressão que recolhe das Antimemórias de Malraux, ao se reportar à confiança escutada de um religioso que revela: “Acabei acreditando, neste declínio de minha vida, que não existe gente grande”, o que Lacan aponta como “a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação” (2003 [1967] p.367).

Como a ética da psicanálise pode nos orientar para nos situarmos nessa condição necessária de intimidade já que estamos imersos em nosso tempo, para atuar na clínica e na cidade dos discursos?

Dispomos da ética implementada por Freud que, por um lado, recoloca o gozo em seu lugar central a partir do princípio do prazer, produzindo seu limite; e, por outro, a subversão, que implica a castração, o ser-para-o-sexo, que não faz relação, que nos retira da ilusão de uma possível completude.

O tema do XXIV Encontro – A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos – é um convite a nos debruçarmos sobre o alcance e os efeitos subjetivos para o ser falante, que sofre as consequências desse projeto universalizante da ciência associada ao sistema econômico vigente, que não faz laço social, mas que, ao contrário, promove segregação, racismos, violência, ódio, alienação, resultados previstos por Lacan desde 1967.

A aposta contínua na psicanálise a cada fato e caso novos, na clínica e nas instituições onde o discurso analítico se faz presente, está vinculada diretamente a sua oferta, que aponta para uma ética que causa o desejo do sujeito e dá lugar às suas palavras e que, mais do que consentir, favorece, promove a afirmação das singularidades, das diferenças. É essa a oferta que se coloca no mundo, desde que Freud a criou, para todos que desejem buscar um caminho distinto daquele que determina o discurso de nossa época, em que presenciamos a tendência homogeneizante nos discursos da política e da ciência numa perspectiva técnico-científica e prescritiva, assim como da pedagogia associada a e a serviço das neurociências, de uma psiquiatria biológica, estigmatizante.

Nesse contexto, não seria justo omitir o lugar da arte que sobrevive e atravessa as frequentes investidas de apagamento dessa expressão humana de criação, porque insiste em se revelar e se mostrar. Arte e sintoma se enlaçam como artefatos na resistência a uma norma opressiva. A psicanálise revela que o sintoma é um modo de gozo que se faz valer, se impõe como incurável, independentemente de qualquer comando ou consentimento. O sintoma, assim como a arte, não se adapta, é rebelde, não se subjugua.

A ilustração escolhida para identificar o XXIV Encontro Nacional, do artista Antônio Obá, intitulada Fata Morgana, dá margem a diversas interpretações. Para o artista plástico Carlos Silva[i], “A obra de Antônio Obá nos empresta aquele empurrãozinho capaz de nos fazer cair e, enquanto caímos, cria-se a experiência. A queda aponta para um convite à vertigem, a uma alteração radical de estado, à exploração de uma ferida aberta que nos leva ao cerne de algumas das nossas dores mais profundas e comuns. Existe, em sua obra, a noção de uma ordem natural imposta, contra a qual é necessário se insurgir”. No texto que comenta a exposição “Revoada”, realizada na Pinacoteca de São Paulo em junho de 2023, podemos observar que para Obá, a infância não é ingênua, “as crianças-personagens do artista são agentes de seu tempo, conscientes e capazes de transformar o mundo”[ii].

Freud pensava que somente alguém que pudesse sondar a mente das crianças, seria capaz de educá-las. Imersos em uma civilização digital, presenciamos, hoje, um grande desconhecimento do que é uma criança, da riqueza e da potência do mundo infantil, verificamos o empobrecimento de sua experiência, a insensibilidade em perceber a importância das pequenas singularidades do brincar, do desenhar, do fantasiar, do experimentar, até mesmo do adoecer, para o ser falante. Este novo lugar ou não lugar da criança vem trazendo consequências significativas não só para a criança, mas também para a constituição do infantil enquanto estrutura, o “traço ineliminável de gozo que o sujeito deve ao fato de ser falante” [iii], ou seja, o efeito de linguagem na constituição do falante,

efeito do significante em sua função de produzir furo no real, portanto o infantil entendido como esse furo no real.

A multiplicidade de diagnósticos e a consequente medicalização da sociedade, o que de forma galopante concerne cada vez mais à infância, constituem uma evidência do “projeto” de padronização, uniformização, domesticação, robotização e exclusão de todos os indivíduos, submetidos a uma mesma lógica de produção e consumo, inseridos no discurso capitalista. Esse discurso é apoiado em uma máxima universalizante que se impõe e submete a todos enquanto objeto, mercadoria, cobaia, fetiche, a partir do curto-circuito que estabelece entre sujeito e objeto, o que vem a se configurar como uma clara demonstração da “criança generalizada” enquanto este objeto condensador do gozo do Outro, em nosso tempo, quando o sujeito não responde por seu corpo nem mesmo por seu gozo.

A partir dessa realidade, o discurso analítico está convocado em sua responsabilidade para encontrar formas de dialogar, interrogar os discursos homogeneizantes, abstando-se de se pautar em qualquer norma, mas visando “nossa doutrina do inconsciente” e considerando a tese de que “a presença do inconsciente, por se situar no lugar do Outro, deve ser buscada, em todo discurso, em sua enunciação” (LACAN, 1998 [1964], p.848).

Se nos orientamos, no Campo Lacaniano, pelo inconsciente estruturado como uma linguagem e pelo campo do gozo e sua ética, nossa aposta caminha na direção de que sempre haverá a oportunidade de insurreição, “já que por direito” a estrutura “faz traço da falta de um cálculo por vir” (LACAN, 2003 [1970], p. 406). A revolução a que se propõe o discurso do analista, revolução de trezentos e sessenta graus a partir do discurso do mestre, é fazer girar os discursos, demonstrando a impotência e a impossibilidade de cada um, para que nenhum deles se fixe, se imponha como laço social e predomine sobre os demais.

Por essa via, o discurso do analista, em sua natureza antissegregacionista, por introduzir, a partir da clínica do caso a caso, a singularidade do desejo, pode promover a responsabilidade pelo gozo de cada um, e para o sujeito criança o acesso a seu desejo a partir da construção de sua fantasia, contrapondo-se, assim, ao discurso da criança generalizada.

A psicanálise, tanto em intensão, na experiência analítica, quanto em extensão, na cidade dos discursos, recolhe os efeitos da “criança generalizada” e da segregação na contemporaneidade. Dessa maneira, o que nos concerne enquanto analistas, diante de uma realidade discursiva tão pregnante e que vai de encontro ao ato analítico e nossa ética, aquela que deveria nos alegrar, em que localizamos a falta, a incompletude, o ser-para-o-sexo em seu bojo como elementos indispensáveis? Caberia um reinventar permanente, perguntar-se constantemente sobre seu fazer, para criar, construir, a cada novo desafio, novas formas de transmissão para que o discurso analítico continue a trazer sua contribuição para cada sujeito e a sociedade?

**Ida Freitas**

[i] BRASÍLIA Memória & invenção. Disponível em: <https://brasiliamemoriaeinvencao.com/antonio-oba/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

[ii] PINACOTECA realiza exposição de Antônio Obá com instalação inédita. São Paulo, Pinacoteca Contemporânea, 24/06/2023 a 18/02/2024. Disponível em: <https://www.cultura.sp.gov.br/pinacoteca-realiza-exposicao-de-antonio-oba-com-instalacao-inedita/>. Acesso em: 14 abr.2024.

[iii] SAURET, M. J. *O infantil e a estrutura*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998, p.22

## Prelúdio I

# A criança generalizada na clínica e na cidade dos

# discursos

Sonia Alberti

Expressão que designa os sujeitos reduzidos a pedaços de corpos escrutinizados pelo discurso que se vulgarizou no início do século XX dando esteio ao neoliberalismo, mas motivado pelas conquistas anatomo-fisiológicas da última parte do século XIX como o denunciava Lacan relendo Foucault, a “criança generalizada” sobe à cena de nosso Encontro. É uma questão séria, que denuncia o risco que estamos vivendo enquanto clínicos na cidade dos discursos, e que já levava Lacan em 1967 a equivaler esses sujeitos assim designados a objetos condensadores de gozo, tais as crianças. Em *O Averso da Psicanálise*, Lacan (1969-70, p. 61) o articula até mesmo com sua máxima de que o sujeito recebe do Outro a sua própria mensagem sob forma invertida: a metade sujeito dos ditos “adultos”, recebe sua própria mensagem sob forma invertida ao ser o objeto a que condensa o gozo que o Outro goza, quando goza dele como objeto a. Ele não é a metade criança batida da fantasia – apenas no estágio que Freud (1919/2006) chama de intermediário –, mas “metade sem par da qual o sujeito subsiste” (Lacan, 1971/2001), associada à metade de frango do conto que introduziu Lacan na divisão subjetiva (cf. Lacan, 1972/2001, p. 456). Revisitando o lugar da mulher como objeto, Lacan também o diz assim: “a mulher se produz como objeto justamente não sendo o que ele (o macho) é. De uma parte, diferença sexual, da outra, ser isso a que ele renuncia como gozo” (1969-70, p. 90). Por isso, observa ele na sequência, é tão essencial colocarmos a questão do lugar da psicanálise na política. E é também isso o que visa esse Encontro pois fazia tempo que não organizávamos um evento em nível nacional em torno da criança! Na realidade, muitas décadas mesmo e, de repente resgatamos tal enfoque quando nos damos conta, por exemplo, de que as crianças são as mais sujeitas a taxionomias e segregações... TDAH, TEA, TDO...

O momento em que acolhemos o tema coincide com dois lançamentos: por um lado, o do nosso próximo encontro internacional, a se realizar em São Paulo em 2026, que com a ética verifica como responder à pergunta “o que fazemos em consequência dessa obra [de Freud]” (Lacan, 1967/2001, p. 363) e, por outro, com o da publicação oficial do seminário de Lacan sobre o Ato psicanalítico, no final do qual Lacan nos diz, justamente que, se somos psicanalistas e não nos deixamos apenas levar pelo instinto clínico (Lacan, 2024, p. 268), somos convocados a observar que, por estarmos no lugar de objeto a no que fazemos em consequência da obra de Freud, “isso nos dará também uma maneira totalmente outra de abordar a diversidade dos casos. Talvez [o psicanalista então] poderá encontrar uma nova classificação clínica, distinta daquela da psiquiatria clássica” (idem, p.272), caso contrário apenas seguirá o que dita o discurso dominante.

Hoje, mais de meio século depois dessa lição do seminário sobre o Ato, o discurso dominante já não é mais o da psiquiatria clássica, o que aliás Lacan já previa em 1967, como retoma Ida Freitas em seu texto que nos convida para este nosso Encontro. Na ocasião, Lacan já indicava que, ao imiscuir-se com o capital, a ciência produziu uma mudança de dimensão planetária, porque em nível de comprometer “todas as estruturas sociais”, levando a uma “subversão sem precedentes”, cuja consequência fundamental é a cada vez maior segregação. De um lado, determinada pelos imperialismos, de outro, buscando uma solução para que as “massas humanas, devotadas ao mesmo espaço [...], permaneçam separadas” (Lacan, 1967/2001, p. 363). Eis onde surgem os diagnósticos infinitos, seguindo protocolos ditados pelos laboratórios, sem qualquer questionamento, nem no campo da saúde, nem no da educação. Ao contrário... uma mesma criança pode receber mais de um deles, aliás, com bastante frequência se imiscuem TDAH e TEA nos dias de hoje.

Lacan então se pergunta: o que pode o psicanalista?

Para com ele respondermos, proponho retomar a máxima freudiana segundo a qual a criança é um perverso polimorfo (Freud, 1905/2013), o que, em termos lacanianos podemos ler como muito apropriadamente, um ser de gozo: o bebê chupa, insaciável; se agita e pode até ser tirano; se percebe defecando e goza com isso; olha de soslaio porque experimenta o olhar para alguém do ver e se liga na voz, mais do que nas palavras, buscando repeti-la sem cessar, gozando-a. Faz isso sem se preocupar com o que um adulto faria apenas em sua vida privada, “privada de quê?” se pergunta Lacan (2024, p. 272), se não dessa liberdade de gozo que a criança personifica?

Como já dizia essa referência histórica no que tange a educação das crianças, ou seja, Rousseau (1772/1999), a criança goza porque é livre, e é essa sua liberdade de ser de gozo que tanto incomoda por sempre ser demais – quando então aqueles que se aferram ao discurso dominante lhe opõem os transtornos, ignorantes que são esses classificadores do fato de que o gozo não estanca por lhe ser dado um diagnóstico, ao contrário, isso costuma reforçá-lo por não haver outra saída se não a própria identificação com o índice que lhe é imposto.

Se a psicanálise nos ensina, entre tantas outras coisas, que a liberdade é um engano, pois não há a possibilidade de eu me dizer ser sem me utilizar do Outro – donde ou eu não sou e ou eu não penso, no anti-cógito lacaniano –, ela também nos ensina que o gozo é efeito de discurso, de modo que na clínica, seja ela com crianças ou com adultos, não só o psicanalista não toma isso como natural – como o faria Rousseau –, mas, sobretudo, aposta numa outra liberdade, a de que isso se diga, de modo que, independente da idade, o sujeito tenha a possibilidade de dizê-lo de outro modo.

Para tanto, é necessária a transferência, pois sem ela não há clínica psicanalítica. Rousseau também já observava: é importante que preceptor e aluno se façam amar um pelo outro (Rousseau, 2004, p. 33). O que não é sem relação com o que Lacan (1994, p. 101), bem cedo em seu ensino, pode ditar quanto à importância do dom de amor para a criança: frustrá-la na demanda para indicar-lhe a via do desejo. Somente então, como diria quinze anos depois, será possível fazer valer que eu lhe peço que recuses o que lhe ofereço porque não é isso (Lacan, 2011, p. 82). Se não foi possível transmitir aquele dom de amor, não é possível depois recusar a oferta de modo que a própria oferta de diagnósticos se torna irrecusável. Na contramão disso, “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 2004, p. 209), e esse é, antes de mais nada, o desejo de viver, como Freud (1910/1996, p. 231) o anunciou.

#### Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund (1905/2013). Tres ensayos de teoría sexual. In: Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. v. VII, pp. 109-210.
- \_\_\_\_\_. (1910/1996). Contribuciones para un debate sobre el suicidio. In Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. v. XI, pp. 231-2.
- \_\_\_\_\_. (1919/2006). ‘Pegan a um niño’. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores [AE], 1ª edição, 8ª reimpressão, 2006. vol. XVII.
- LACAN, Jacques (1994). Le Séminaire, livre IV, La relation d’objet [1956-57]. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1967/2001). Allocution sur les psychoses de l’enfant. In: Autres écrits. Paris: Seuil. pp. 361-371.
- \_\_\_\_\_. (2004). Le Séminaire, livre X, L’Angoisse, [1962-63]. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1971/2001). Lituraterre. In: Autres écrits. Paris: Seuil. pp. 11-20.
- \_\_\_\_\_. (1972/2001). L’Étourdit. In: Autres écrits. Paris: Seuil. pp. 449-495.
- \_\_\_\_\_. (2011). Le Séminaire, livre XIX, ... ou pire [1971-72]. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (2024). Le Séminaire, livre XV, L’Acte psychanalytique [1967-68]. Paris: Seuil.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 3a Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## Prelúdio II

# A criança, o infantil e a fantasia

Alba Abreu

*“Onde está o menino que fui, segue dentro de mim ou se foi?” Neruda*

A psicanálise é o tratamento da modalidade do gozo de um sujeito seja criança ou adulto. Os sujeitos são singulares, ainda que pertencentes a uma determinada categoria clínica. Na verdade, do

que se trata é de um destino, ao menos na neurose, de uma assimilação da linguagem que tem o efeito de negatização e limitação do gozo.

Freud deduz que a perversão polimorfa[i] revela algo do gozo nas pulsões parciais, fragmentadas, que indicam a existência do traço de gozo pelo fato do sujeito ser falante. A infância é o tempo do registro do encontro do sujeito, resposta do real, com o significante. O infantil seria o que sobra nessa operação de castração, perda do gozo efetuada pela linguagem que só tem a chance de retornar como mais de gozo. A perda de gozo pela operação de castração vai se presentificar para o sujeito através da repetição. Quando o sujeito repete, algo do infantil – como raiz de seu encontro com o discurso do Outro e com as experiências de gozo – confirma os traços do gozo do Outro, restos que denunciam aí a fixação.

Colette Soler, em O que resta da infância[ii] diz que a repetição não é outra coisa senão o encontro reiterado com o encontro fracassado. Sua tese, seguindo Lacan, assevera que as marcas da infância são indelévels e compõem o mais singular de cada sujeito, marcas que são acidentes da história de um sujeito, trauma original que causa a repetição e o sintoma, justificando, portanto, a intervenção psicanalítica. Nesse sentido, criança e adulto, partilham das fixações de gozo que induzem a contingência das modalidades de gozo corporal. Ela diz que, quando Freud identifica a eleição da neurose, se refere a uma espécie de disposição original do sujeito ante o gozo, resposta diante do real, diria Lacan. O que significa que o gozo aparelhado pela linguagem e a relação com o Outro através do objeto da pulsão sinaliza, o que mais tarde, Lacan vai apontar como o corpo que simboliza o Outro. Uma vez que a pulsão é o efeito do dizer da demanda do Outro que recorta as zonas erógenas na superfície do corpo, oásis no deserto de gozo.

Marie Jean Sauret, em O infantil e a estrutura[iiii], aborda a solução ao pai decorrente de um anteparo ao gozo caprichoso, por vezes pela falta ou excesso, que assegure ao sujeito uma humanização do desejo da mãe em consonância com a lei e que consiga depurar essa satisfação de gozo em falta, afixando na fantasia (\$^a) que acolhe e sustenta o desejo. Essa satisfação da qual a fantasia recobre o rastro e ao mesmo tempo recupera um fragmento desse gozo que é ineliminável, apesar de fixar o lado insatisfatório do gozo, relança o desejo. A heterogeneidade entre gozo e significante presente na fantasia tem no sintoma a marca dessa falha, pois quando a fantasia se abala o sintoma se inflama.

O sujeito é separado de seu gozo e recuperar o gozo perdido independe da maturação desenvolvimentista cronológica. Depende mais de como ele explora os tempos de efetuação da estrutura: instante de ver, do confronto com o gozo; tempo de compreender; deixemos o tempo de concluir, já que só seria possível depois do encontro com o parceiro sexual. Na análise com crianças, a “falta do tempo de concluir” seria índice do que devemos entender como mais importante na diferença entre criança e adulto. Segundo Colette Soler[iv], “não seria no nível do Eu nem da relação com a realidade, mas no nível da relação ética do sujeito com o gozo que experimenta”. Ou seja, se o sujeito pode tomar pra si a responsabilidade de seu gozo e as consequências de assumir a dimensão da falta sem encarná-la enquanto objeto que viria completar a mãe. O analista pode permitir ao sujeito que busca uma análise na infância ir conforme seu ritmo, deixando inacabado o que ainda está por vir, sem gozar às suas custas, mesmo quando esta criança se oferece ao gozo. Nesse sentido, Soler[v] conclui que “Lacan mantém a ideia de que uma criança não é um adulto apesar do crescimento do regime da criança generalizada...consequência da organização globalizada do capitalismo”. Como disse Zilda Machado[vi] na mesa preparatória, no mundo contemporâneo somos todos objetalizados, consumidores manipulados pelas estratégias de mercado.

Podemos considerar a infância como a história que o sujeito organiza em torno de sua filiação, sua localização no mundo modelada pela estrutura significante e da qual ele pode relatar seus amores com a verdade, diria Freud. Por outro lado, o infantil não se articula no significante porque provém do impossível, da rasura e apagamento. Portanto, a psicanálise é convocada a produzir separação, para dizer borromeanamente, suturas e emendas, no sentido de degelar o que no sujeito ficou congelado na infância e, permitir outra amarração do nó, mobilizando o que do traço infantil se inscreveu e persiste.

Referências bibliográficas:



[i] Freud, Sigmund, Três ensaios da teoria da sexualidade, 1905, em Obras completas, Rio de Janeiro: Imago, 2006, Volume VII, p. 180.

[ii] Soler, Colette, Lo que queda de la infância – Buenos Aires: Letra Viva, 2014 trad: Pablo Peusner, p. 67.

[iii] Sauret, Marie-Jean, O infantil e a estrutura – São Paulo: EBP, 1998, p. 22.

[iv] Soler, Colette, Lo que queda de la infância – Buenos Aires: Letra Viva, 2014 trad: Pablo Peusner, p. 120.

[v] *ibid*, p. 111.

[vi] Machado, Zilda, 1ª mesa preparatória para o XXIV Encontro Nacional da EPFCL, 9/6/2024.

## Prelúdio III

# Criança generalizada e criança agramática

Maria Claudia Formigoni

*No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a  
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona  
para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele  
delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer  
nascimentos –  
O verbo tem que pegar delírio.  
(Manoel de Barros)*

Vivemos em uma época em que as particularidades de gozo não se contam e, portanto, não são tomadas como medida ética. As manifestações singulares são tidas como anomalias, desvios a serem corrigidos, dissidências, tendo isso inclusive um alcance social e político (Soler, 2015).

Nesse cenário, predomina então o apagamento das diferenças, a anulação das subjetividades. A estreita aliança entre o discurso da ciência e o discurso capitalista é responsável pela universalização e homogeneização dos indivíduos, deixando de fora a singularidade e reduzindo-os a objetos. Na conjuntura atual, somos todos objetos.

Vivemos na era da “criança generalizada” (Lacan, 1967/2003, p. 367) e, não por acaso, questões relativas à infância estão tão presentes. Escutamos na clínica e na cidade dos discursos diversas formas de violência contra a criança – medicar, adaptar, silenciar, prevenir, oprimir e, até mesmo, exterminar...

As crianças têm a capacidade de transformar, de romper com os universais, de resistir à segregação, de abalar as supostas certezas dos adultos. As infâncias, e cada criança, incomodam, bagunçam, fazem barulho porque tocam no que há de mais particular no gozo de cada um, e, como afirma Sonia Alberti em seu prelúdio, personificam a liberdade de gozo.

O que pode um analista frente a esse aniquilamento das singularidades que afeta também as crianças e as infâncias?

Pode sustentar a psicanálise e apostar no inconsciente.

Como afirma Marie-Jean Sauret (1997, p. 44, grifo nosso), “a criança encontra na psicanálise um meio eficaz para lutar contra os efeitos nefastos que dominam o campo social. Isso parece menos

negligenciável quando em relação ao Outro da ciência somos todos objetos. Essa constatação confere à psicanálise com crianças – à psicanálise simplesmente – uma aposta política”.

Se, como afirmara Lacan, o inconsciente é a política e se, segundo Freud, o inconsciente é o infantil, podemos dizer que sustentar a psicanálise é sustentar uma política do infantil. É dar lugar ao que “há de gozo ineliminável, irreduzível, que o sujeito deve ao fato, se não de falar, pelo menos de consentir no significante” (Sauret, 1997, p. 21). Traço que fica recalcado, mas que marca, de modo único, a cada ser falante.

A psicanálise promove então a afirmação da diferença absoluta, a sustentação das singularidades no mundo. Abre espaço para as diferenças de gozo e oferece a possibilidade de que o sujeito se separe das amarras do Outro, dando margem de liberdade ao desejo de cada um. A ética da psicanálise é, portanto, antissegregativa e antidominante.

O atravessamento de uma análise permite uma separação do Outro. Oferece a possibilidade de poder gozar da própria singularidade. Trata-se de “uma outra liberdade, a de que isso se diga, de modo que, independente da idade, o sujeito tenha a possibilidade de dizê-lo de outro modo” (Alberti, 2024). Podemos, a partir de uma outra relação com o inconsciente, dizer de modo mais livre, menos fixado a certo discurso e a certas normas.

Podemos, por que não, ficar mais criança na vida. As crianças, assim como os poetas, preservam algo dessa liberdade. São menos alfabetas, têm uma relação menos presa com a linguagem. Por isso, a distorcem, brincam com as palavras, alteram a gramática. Há nas crianças uma bobagem linguageira que, muitas vezes, provoca riso e surpresa, justamente por romper com o estabelecido e (d)enunciar.

Assim, sustentar a psicanálise é oferecer a oportunidade de que uma análise possa ser para um sujeito a possibilidade de o “verbo pegar delírio”. É apostar que a criança agramática faça resistência à criança generalizada, sustentado a alegria de estar à margem.

#### Referências bibliográficas

- Alberti, S. (2024). 1º prelúdio ao XXIV Encontro Nacional da EPFCL-Brasil.  
Barros, M. (1993). O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016, p. 17.  
Soler, C. (2015). Lo que queda de la infancia. Buenos Aires: Letra Viva, 2015.  
Lacan, J. (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: LACAN, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 359- 368.  
Sauret, M. J. (1997). O infantil & a estrutura. São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 1997.

## Prelúdio IV

# Da criança generalizada às margens da alegria

Valdelice Nascimento de França

*“Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vaga-lume.  
Sim, o vaga-lume, sim, era lindo!  
– tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se.  
Era, outra vez em quando, a Alegria.”  
(Guimarães Rosa)*

É com grande alegria que Brasília recebe pela primeira vez o Encontro Nacional da nossa Escola. Fruto do trabalho e entusiasmo de um Fórum, orientado pela sua Escola, que cresce na capital do nosso país, lugar no qual emanam as decisões políticas da nação.

Aprofundando um pouco mais sobre a história de Brasília, entendemos que esse “quadrado” criado em 1960, no estado de Goiás, traz consigo muitas histórias de resistência, desde a sua construção. A nova cidade trouxe o conceito de Estado Moderno, com a tentativa de redefinir a identidade nacional, no gesto de fundação de uma nova nação coesa e progressista, a qual serviria para alimentar a ideia de um espaço vazio plantado na aridez do cerrado brasileiro (Pedrosa, 1997). Os pioneiros que aqui vieram construí-la e trabalhar passaram a ser chamados de candangos e seus filhos de candanguinhos.

É sobre os candanguinhos que Guimarães Rosa nos suscita importantes discussões políticas, sociais e psicanalíticas em seu conto “As margens da alegria”. Neste conto, em que o menino viaja com os tios para onde seria erguida “a grande cidade”, a criança é motivada pela satisfação da descoberta das coisas novas: “a satisfação antes da consciência das necessidades” (Rosa, 2001, p.1). Ao primeiro contato com o lugar, tudo parecia mágico e novo.

Enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapa-dão: a mágica monotonia, os diluídos ares. (...) O Menino via, vislumbra. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido – as novas tantas coisas – o que para seus olhos se pronunciava (Rosa, 2001, p.3).

No decorrer do conto, tudo era, aos olhos do menino, novidade. Ele avista um peru imperial e se deslumbra. A ave não sai mais de sua memória e ele segue no cotidiano com o animal a ciscar imaginariamente os seus olhos. O conto conduz o leitor ao passeio lúdico pela cidade-canteiro-de-obras, explorando, através da narrativa, toda fauna e flora do cerrado. Mas, tanta fantasia e encantamento durou pouco. Seus tios mataram o peru para o jantar. Uma outra realidade, senão a sua, havia invadido a inocência do menino, “o menino recebia em si um miligrama de morte” (Rosa, 2001, p.4). O encontro com a castração faz com que o menino enxergue a cidade de outra forma. Tudo agora fica diferente, ele não é mais o mesmo, “tudo perdia a eternidade e a certeza” (Rosa 2001, p.4).

Como propõe Lacan (1967/2003), em Alocução sobre as psicoses da criança, que há limite na liberdade do homem. Guimarães Rosa já havia enxergado isto colocando a sociedade brasileira da década de 60 para pensar o que realmente significava a construção monumental de Brasília, a utopia da cidade moderna. Ou seja, A margem da alegria é o lugar onde o progresso e a liberdade conviviam com o medo e a instabilidade. O sujeito moderno, que se construía ideologicamente com a construção de uma nova cidade, é uma falácia.

Hoje, 64 anos depois, qual discurso opera nesta cidade? Não podemos negligenciar que por aqui o rumo da nação foi decidido nessas últimas décadas e recentemente temos sido surpreendidos por projetos de lei cada vez mais esdrúxulos, como o PL 1904/24, o qual visa alterar o Código Penal para equiparar o aborto ao homicídio quando realizado após a 22ª semana de gestação, mesmo em caso de estupro. No campo da saúde mental, vivemos nos últimos anos o retrocesso de políticas públicas desinstitucionalizantes e antimanicomiais, como nunca visto antes. Brasília é um dos poucos entes federativos que ainda têm um hospital psiquiátrico em sua rede de saúde mental. O que podemos fazer diante de tantas políticas de morte e segregativas?

O tema da segregação, tão caro para a psicanálise, no texto de Lacan (1967/2003), articula os efeitos da universalização da ciência com os efeitos segregatórios, utilizados pelo capitalismo, os quais tornam o homem (criança e adulto) mecanismos de dominação, exploração e objeto de consumo. Frente ao discurso capitalista, que parece operar desde a construção desta bela cidade, coube ao poeta e a nós psicanalistas introduzirmos um outro discurso, o que sustenta a ética da psicanálise, o discurso analítico, da política da falta-a-ser, no qual a criança generalizada pode encontrar outras saídas, como sujeito do inconsciente frente à captura do discurso capitalista. Pois como diz Gagnebin (1997, p.180):

Ela é o signo sempre presente que a humanidade do homem não repousa somente sobre sua força e poder, mas também, de maneira mais secreta, mas tão essencial, sobre suas faltas e suas fraquezas, mas sobre esse vazio que nossas palavras, tais como fios, num motivo de renda, não deveriam encobrir, mas, sim, muito mais, acolher e bordar. É porque a in-fância não é a humanidade completa e acabada que ela nos indica o que há de mais verdadeiro também no pensamento humano: a saber sua incompletude, isto é, a invenção do possível.

No final do conto, o menino vislumbra a alegria ao ver os vaga-lumes surgirem num lampejo de luz, de outra vez em quando. Nosso convite é para que, juntos, neste Encontro Nacional, possamos refletir, em nossa Capital, sobre as formas possíveis de transmissão e sustentação do discurso do psicanalista na pólis, para que, de outra vez em quando também “encontremos nós a alegria naquilo que constitui o nosso trabalho” (Lacan, 1967/2003, p. 367).

#### Referências Bibliográficas

- Gagnebin, J. M. (1997). Infância e Pensamento. In: Ghiraldelli Jr., P. (Org.). Infância, escola e modernidade. Cortez, Editora da UFPR, pp. 83-100.
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In: Lacan, J. Outros Escritos. Zahar, pp. 359-368 (Trabalho originalmente publicado em 1967).
- Pedrosa, M. (1997). Textos escolhidos – acadêmicos e modernos. Edusp, v.3.
- Rosa, J. G. (2001). As margens da alegria. In: Rosa, J. G. Primeiras estórias. Nova Fronteira.

## Prelúdio V

### **O que o gozo da generalização fabrica**

Joseane Garcia

*Creio que é tempo de o Brasil aprender a amar a natureza – as florestas, os rios, os lagos, os bichos, os pássaros. Creio que é preciso reformular nosso conceito de patriotismo. Patriotismo, para mim, é proteger o nosso patrimônio. Artístico, cultural, e a terra, que nos dá tudo isso.*

Burle Marx [1]

*Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis.*

Lacan, [2]

O tema do nosso XXIV Encontro – *A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos* – é um convite para debatermos sobre os impasses de nossa época. Ao falar da posição da criança como objeto de gozo do Outro, Lacan destaca a expressão “criança generalizada”[3] e aponta para a posição de objeto em que o homem contemporâneo é colocado pelo discurso da ciência, que sabemos, está aliado com o discurso do capitalista. O que está em questão no uso do termo “criança generalizada” é a relação do sujeito com o gozo, seja um adulto ou uma criança.

Gostaria de trazer para o debate a crise climática planetária. No primeiro semestre, o Rio Grande do Sul foi devastado por fortes chuvas em todo o Estado. Neste semestre é

o Brasil todo que queima. Há fogo de norte a sul, de leste a oeste. O [fogo destruiu áreas de vários biomas do país](#), incluindo Amazônia, Pantanal e Cerrado. A fumaça se espalhou encobrindo várias cidades em diferentes regiões, restando às crianças brincar na chuva preta.

O capitalismo prospera mediante a exploração da natureza, tanto como fonte de recursos para serem convertidos em mercadorias, quanto como depósito de seus resíduos, sendo o aquecimento global uma das manifestações mais devastadoras do sistema capitalista sobre o ambiente. Mas essa não é a única manifestação dele em tempos de crise climática. Um novo diagnóstico tem surgido ao redor do mundo: ansiedade climática ou ecoansiedade. São sintomas de ansiedade, depressão e pânico, mas agora com raízes no estresse causado pelas notícias aterradoras sobre as mudanças climáticas do planeta. O termo é apresentado pela Associação Americana de Psicologia, como um “medo crônico de sofrer um cataclismo ambiental que ocorre ao observar o impacto, aparentemente irrevogável, das mudanças climáticas” [4].

A fabricação desse novo diagnóstico parece servir como tamponamento de uma crise climática, onde a discussão é deslocada para quem sofre com as consequências e não para uma mudança real que precisa ser feita para estancar o mal climático que avança a passos largos. O uso de nomenclaturas diagnósticas como rótulos que pretendem estancar o mal-estar contemporâneo é mais uma estratégia do discurso do capitalista com o que vou chamar de gozo da generalização.

A generalização da criança destacada por Lacan implica na abolição do que poderia ser a diferença em relação ao adulto: a responsabilidade em relação ao gozo.

Na proposta da ansiedade climática, a descrição dos sintomas serve para todos, ou seja, uma resposta única para as questões climáticas traumáticas. Ao classificar o sofrimento do sujeito, o discurso científico cooptado pelo discurso do capitalista produz generalizações, massifica e objetifica o que é subjetivo. O que chama a atenção nas nomenclaturas diagnósticas é que junto delas vem sempre uma prescrição medicamentosa. Cria-se uma falsa demanda e assim entra-se num círculo vicioso, deixando a sensação de que não há saída para seu sofrimento a não ser consumir a medicação que promete solução, atualizando a lógica de consumo do discurso do capitalista.

Essa lógica discursiva soterra a subjetividade e cristaliza um diagnóstico universal, desviando os seres falantes de encontrar nomes singulares para esquadrihar o real em jogo do seu sofrimento. Na clínica, essa situação aparece como uma espécie de desimplicação do sujeito, que passa a buscar nos diagnósticos um saber que fale por ele e, conseqüentemente, uma fórmula que acabe com o seu mal-estar. O discurso do capitalista se aproveita da paixão da ignorância do sujeito de “não querer saber nada disso”, deixando-o distante de se deparar com o saber furado do Outro. A desresponsabilização em relação ao gozo é o resultado da ação generalizante do discurso da ciência em aliança com o capitalista.

Separar-se dos significantes universais advindos do campo do Outro é um dos efeitos do discurso do analista que parte do pressuposto da impossibilidade da relação sexual, de que nem tudo é possível. A aposta da psicanálise é que a resposta ao real é impossível de ser generalizada e o ato de um analista deve incidir na responsabilização do sujeito frente a seu gozo.

Até Brasília e bom encontro para nós!!

[1] Entrevista publicada originalmente na revista *Veja*, Edição 263, 19 de setembro de 1973.

[2] LACAN, J. (1998). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 873. (Trabalho original proferido em 1965-66)

[3] LACAN, J. Alocução sobre as psicoses das crianças. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. (Trabalho original proferido em 1967)

[4] CLAYTON, S.; MANNIN, C.; KRYGSMAN, K.; SPEISER, M. [Mental Health and Our Changing Climate: Impacts, Implications, and Guidance](https://www.apa.org/news/press/releases/2017/03/mental-health-climate.pdf). 2017. Disponível em: <<https://www.apa.org/news/press/releases/2017/03/mental-health-climate.pdf>>. Acesso em: 18/05/2024.